

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC
**UFRGS**
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	O Resto do Representável
Autor	GABRIEL TEITELBAUM
Orientador	AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

Título: O Resto do Representável
Autor: Gabriel Teitelbaum
Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann
Instituição de Origem: UFRGS

O que é possível representar do irrepresentável? Existem diversas tentativas de representação do irrepresentável no campo artístico, seja no cinema, nas artes plásticas ou na literatura. Em relação ao holocausto, catástrofe símbolo de experiência traumática, podemos destacar o filme *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann, como um marco ao trazer o testemunho de sobreviventes em uma produção de aproximadamente 9 horas de duração. Segundo esse diretor, qualquer forma de transmissão do acontecimento além do puro testemunho seria uma forma inadequada de tratar o tema, já que há experiências que não podem e nem devem ser representadas. Outro marco nas tentativas de representação dessa catástrofe é *Nuit et brouillard* (1955), de Alain Resnais, que, em pouco mais de 30 minutos, mescla imagens dos presos nos campos de concentração com filmagens da época em que foi produzido, dez anos após o fim da segunda guerra mundial, nos mesmos campos. As escolhas estéticas e as técnicas utilizadas são diferentes, no entanto, os princípios são os mesmos: evitar a espetacularização da tragédia e representar fragmentos do que foi, não uma totalidade do que poderia ter sido.

Neste trabalho, abordaremos as experiências traumáticas e suas possibilidades de representação. Como objeto de estudo, utilizaremos o filme *O Filho de Saul* (2015), de László Nemes. Ao contrário das produções mencionadas acima, o filme não trabalha com a transmissão de testemunho de sobreviventes ou com imagens feitas nos campos, mas, através de sua trama, nos faz repensar o estatuto do ficcional. A obra retrata a busca de Saul Ausländer, um membro do *Sonderkommando* (unidade composta por prisioneiros encarregados de trabalhar nos crematórios e câmaras de gás recolhendo, transportando e limpando “restos”, “pedaços”, corpos reduzidos integralmente à vida nua, assim como eles próprios), com o objetivo de proporcionar um enterro judaico a uma criança que toma como filho.

Ausländer, em alemão, significa estrangeiro, forasteiro, *outsider*: aquele que é estigmatizado e inferiorizado por um grupo estabelecido que detém o poder em determinado contexto. O ator principal, Geza Röhring, assim como o diretor, László Nemes, ambos húngaros, tiveram esse como seu filme de estreia no cinema – de certa forma, *outsiders* ao mercado cinematográfico. Geza afirma que László necessitava de um “novo espectro de emoções” para esse papel e foi isso que ele buscou ao interpretá-lo. Segundo ator e diretor, as técnicas utilizadas convocam o espectador a experimentar o inimaginável. László Nemes, assim como Claude Lanzmann, se posiciona de forma crítica a filmes que suavizam o acontecimento, que não honram a memória daqueles que viveram e vivem o holocausto, ainda não enterrado, como a criança do filme e incontáveis outras vítimas da tragédia. No entanto, o diretor húngaro aposta na possibilidade de criação de um evento limite, o que pode ser considerado transgressor: Theodor Adorno – seguido por Lanzmann – postula que é preciso reconhecer a irrepresentabilidade daquilo que há de ser transmitido porque não pode ser esquecido, e ainda que é necessário evitar que o “princípio de estilização artístico” torne Auschwitz representável, assimilável, digerível, em última análise, em mercadoria que faz sucesso.

O Filho de Saul (2015) pode ser considerado um marco pela criação de uma nova linguagem de representação do irrepresentável? A postura de Saul, ao encarregar-se de um menino morto e sem nome – ao “abandonar os vivos por causa dos mortos” –, é parte de um sofrimento também sem nome? Com o intuito de responder a essas questões, estabelecemos quatro eixos conceituais para a pesquisa: a relação de poder entre estabelecidos e outsiders,

conforme trabalhado por Norbert Elias; o trauma, a partir de Freud, em *Moisés e o monoteísmo*; a vida nua, partindo de Agamben e das experiências com a clínica do testemunho; e, finalmente, a discussão a respeito da imagem e das possibilidades de representação, principalmente através de Didi-Huberman. Por meio da análise fílmica psicanalítica, exploraremos as escolhas estéticas realizadas pelo diretor, com o objetivo de transmitir um testemunho a respeito de uma situação limite vivida através da trama. Nossa hipótese é de que, para tal, é necessário criar uma nova linguagem, tão nua quanto a vida de um *Sonderkommando*.